

O FATOR DA TEMPORALIDADE, UM DESAFIO PARA A TRADUÇÃO DOS CLÁSSICOS

Patrizia G. E. Collina Bastianetto
Universidade Federal de Minas Gerais
colbasti.bhe@terra.com.br

A tradução de um texto clássico, ou um texto arcaico em geral, apresenta um desafio considerável para o tradutor contemporâneo, tendo em vista a grande distância temporal entre as duas produções textuais. Esse fator, chamado de "temporalidade", pode levar a interpretações equivocadas do texto fonte que, por sua vez, se refletem no conteúdo do texto traduzido. Esse pode, então, não expressar as ideias do texto fonte e/ou, tornar-se ininteligível. Proponho refletir sobre essa questão ilustrando exemplos da tradução feita por mim e o tradutor Benôni Lemos dos capítulos XXVIII a XXXIX de “Do Primeiro Livro do Cortesão” da obra *O Cortesão* de Baldassar Castiglione e, ainda, da carta introdutória ao Reverendo e Ilustre Senhor dom Miguel da Silva Bispo de Viseu. Referida obra compõe a coletânea de textos da pesquisa “Progetto di traduzione dei classici della Polemica cinquecentesca sulla lingua o Questione della língua”.

O autor Baldassar Castiglione (1478-1529) escreveu esse tratado, *O Cortesão*, estimulado pelas virtudes do então recém falecido Duque Guid’Ubaldo de Montefeltro, a quem havia servido como diplomata e letrado.

A primeira edição impressa em Veneza data de 1528, tendo sido precedida de três versões manuscritas. O autor havia sido informado que uma cópia do texto manuscrito estava nas mãos de alguns homens ávidos de novidades que haviam tentado mandar imprimi-lo. O autor, pensando então nos perigos decorrentes de tal atitude, considerou um mal menor imprimir o texto “pouco corrigido” pelas suas mãos do que “muito desfigurado pelas mãos de outros.” Seria esse provavelmente um argumento de modéstia para com sua obra.

O Cortesão é um dos mais importantes livros renascentistas, considerado um guia de conduta da época que aponta posturas e expressa valores políticos e sociais. O tema central é aquele da construção e representação de um modelo exemplar do cortesão do século XVI em todos os âmbitos de sua vida e o da perfeita *cortesania* conforme a qual, em qualquer caso, era importante conciliar a razão com a elegância.

Na carta introdutória ao Reverendo e Ilustre Senhor dom Miguel da Silva, Bispo de Viseu, doravante citada apenas como “carta”, Castiglione justifica ao leitor a gênese da obra e o porquê de tê-la impresso antes de ter sido revisada realmente a seu contento.

Já do capítulo XXVIII ao capítulo XXXIX do primeiro livro, portanto ao longo de onze capítulos, as personagens discutem sobre a língua que um perfeito cortesão deve empregar. E é nessa parte da obra que o autor abraça a polêmica quinhentista acerca da língua italiana, e expressa seu ponto de vista.

O livro todo é composto por quatro partes e construído sob forma de diálogo que se desenvolve durante quatro noites nos aposentos do palácio do Duque Guid'Ubaldo de Montefeltro. Nos referidos serões, o Duque, doente, se recolhe mais cedo e a esposa Elisabetta Gonzaga tem a incumbência de entreter os gentis homens e damas. A partir de perguntas acerca do comportamento mais adequado para um perfeito cortesão, é tecido o debate dialético ao estilo platônico.

As personagens raciocinam sobre as qualidades do corpo e da alma de um perfeito cortesão, a importância da competência na luta e na dança, na música e no canto. É salientada também a necessidade de o cortesão ser excelente e ter graça em tudo o que faz, especialmente no falar, evitando a afetação. A figura do cortesão torna-se a chave para a compreensão do espírito da época, marcada pelo apogeu do humanismo renascentista.

Com relação a nossa tradução, adotamos a postura sugerida pelo próprio Castiglione, empregando as palavras mais usadas e aceitas em nossa comunidade linguística sem, contudo, nos afastarmos do estilo do autor.

Confessamos que a tradução teve significado grau de dificuldade, e uma em especial representada pelo aspecto da temporalidade.

Com relação às decisões tradutórias tomadas pelo tradutor, lembramos que a relação de referência entre a expressão linguística e a coisa no mundo passa pela representação do tradutor. Isso significa que o tradutor costuma interpretar o texto com base em sua representação, advinda de suas experiências linguísticas, de vida e do conhecimento do assunto tratado. No caso do par linguístico italiano/português, por exemplo, nos dias de hoje a palavra italiana *onesta* será comumente traduzida em português por “honesta”.

Contudo, no célebre soneto dantesco de “Vida Nova”, texto do século XIII, a palavra *onesta* remete a valores quais a nobreza e a humildade e não à honestidade moral, acepção atual desse termo, tanto em português quanto em italiano.

Nesse caso, a tradução mais adequada de “onesta” será “discreta”. E assim traduziu a poeta Henriqueta Lisboa, conforme apresentamos abaixo na versão original italiana e na tradução para o português. Os grifos são nossos.

“Tão **discreta** e gentil que me afigura
ao saudar, quando passa, a minha amada,
que a língua não consegue dizer nada
e a fitá-a, o olhar não se aventura”

“Tanto gentil e tanto **onesta** pare
la donna mia quand'ella altrui saluta,
ch'ogne lingua deven tremando muta,
e li occhi no l'ardiscon di guardare”
(ALIGHIERI, D. Vita Nuova. Cap. XXVI)

No exemplo acima apresentado, a palavra “onesta” na língua italiana, ao longo dos anos sofreu mudança semântica, apesar de a forma ter permanecido inalterada. Esse fenômeno é conhecido como neologismo semântico.

É preciso saber distinguir o neologismo semântico do falso cognato, como no caso, por exemplo, das palavras “burro” e “tru(f)a”, iguais nas línguas italiana e brasileira. E é preciso também distinguir o neologismo semântico da palavra polissêmica, como, por exemplo, no caso da palavra “manga” em português.

Os casos acima representam um desafio para o tradutor e podem gerar um equívoco interpretativo que costuma ser dissolvido através da análise do contexto de enunciação e, às vezes, até pela análise sintática. Como exemplo disso apresentamos a célebre frase dantesca declamada por Francesca no Canto V do Inferno, quando expressa o conceito de amor cortês, baseado na reciprocidade: “Amor condusse noi ad una morte [...]” (ALIGHIERI, canto V - v. 106). Nesse caso, a palavra “una” não tem função de artigo indefinido, mas de adjetivo ou qualificador do substantivo “morte”. A expressão “una morte” significa “morte única” ou “mesma morte”. A tradução, portanto, será: “Amor nos conduziu à mesma morte...” e não “[...] a uma morte...”.

Já no que tange ao aspecto discursivo, cabe lembrar que o livro *O Cortesão*, como já vimos, pretendia ser um modelo de conduta para um cortesão exemplar do século XVI. As funções textuais seriam, fundamentalmente, as de *docere* e *movere* ou, com base na classificação das funções textuais de Roman Jakobson, podemos lhe atribuir a função conativa e, em alguns casos, informativa também. O texto de *O Cortesão*, portanto, é essencialmente argumentativo. Formalmente se apresenta sob forma de diálogo, e o diálogo, para os gregos, era a forma típica e privilegiada de expressão do discurso filosófico por meio da discussão. Essa discussão acontecia entre pessoas unidas pelo interesse comum da busca (ABBAGNANO, 2000, p. 274). Era exercido com ampla liberdade em que cada um podia criticar os argumentos do outro, contanto que produzisse também os seus.

Para fins tradutórios, esse tipo de discurso requer uma leitura retórica, capaz de reconhecer figuras quais silogismos demonstrativos, entimemas, oximoros, paradoxos etc... Trata-se de estratégias relevantes em termos argumentativos, mas que, para sua realização, podem requerer construções sintáticas complexas. E no caso de textos arcaicos, a complexidade sintática somada à presença de neologismos semânticos e à exigência de conhecimentos prévios do leitor, relacionados com aspectos históricos,

sociais e/ou políticos criam problemas de compreensão textual mesmo no leitor do texto dito “original”, ou seja, da língua de partida.

Esses textos antigos, na medida em que são reeditados após longo espaço de tempo, requerem, para fins de legibilidade, notas editoriais esclarecedoras. Cito, como exemplo, a obra “Dos delitos e das penas”, tratado jurídico de 1724 de Cesare Beccaria, que na edição italiana da editora Bur de 2001 contem 133 notas editoriais, não constando, contudo, nenhuma nota editorial na obra da edição príncipe de 1724. Nesses casos, na tradução, pelos motivos acima expostos, tornam-se necessários ajustes de caráter formal para fins de compreensão textual.

Dando continuidade ao tema relacionado com a compreensão textual, o próprio Baldassare Castiglione se pronuncia sobre esse assunto e o faz por meio da personagem do Conde, o qual tece uma apologia à clareza do texto escrito, já que aqueles que escrevem nem sempre estão presentes para quem lê, como, no entanto, estão presentes aqueles que falam para quem ouve.

Nesse contexto, Castiglione faz Dom Federico negar a relevância da presença de clareza no texto escrito, feita pelo Conde. Dom Federico defende pois, por sua vez, a ideia de que as palavras não difíceis, mas portadoras de “uma certa agudeza recôndita” dariam uma certa autoridade maior à escrita, exigindo maior atenção do leitor, que apreciaria o prazer decorrente de conseguir entender as coisas difíceis.

Nasce então um debate acalorado entre o senhor Morello e o Conde, pois aquele afirma que o falar com “elegância e gravidade gera incompreensão”, enquanto o Conde o contradiz sustentando que “a facilidade não impede a elegância”. E nesse momento, o diálogo desloca-se sobre a questão da elegância e do estilo relacionados com a inteligibilidade.

Para Castiglione, a compreensão textual é um fator relevante. O autor, através de suas personagens, salienta a importância do emprego das palavras usadas pelo costume e afirma: “Segundo penso, a força e a verdadeira regra do falar bem consistem mais no uso do que em outra coisa, e sempre é vício usar palavras que não estejam em uso”.

Voltando à questão da temporalidade na tradução, seguem alguns exemplos retirados do texto de Castiglione, os quais traduzimos adotando a orientação do próprio autor. Também privilegiamos a clareza textual, pois entendemos que o leitor do referido texto traduzido não espera emoções estéticas, mas quer tomar conhecimento da postura de Baldassare Castiglione e das ideias vigentes no século XVI acerca da questão da língua italiana.

Nos exemplos que seguem apresentamos, primeiramente, o trecho em italiano, seguido da tradução e de comentários. Os dados da edição italiana, da qual é feita a referência, estão nas referências bibliográficas abaixo.

❖ Exemplo 1 (arcaísmo de caráter sintático):

“Per non tardare adunque a pagar quello che io debbo alla memoria di così eccellente signora, [...], indotto ancora dal periculo del libro, hollo fatto imprimere [...]”
(CASTIGLIONE, 1945, p. 18)

“... para não tardar em pagar o que devo à memória de tão excelente senhora [...] pensando também no risco de o livro ser editado por outros, mandei imprimi-lo [...]”
(CASTIGLIONE, 2012, p. 107).

A palavra italiana *hollo* corresponde hoje a *l'ho* – constituído pelo clítico *L'* seguido de *ho* que é o verbo auxiliar *avere*, formador do tempo composto no passado.

❖ Exemplo 2 (arcaísmo lexical):

“... e per questo par che 'l suo fior insino da que' primi tempi qui sia rimaso...”
(CASTIGLIONE, 1945, p. 71).

“... em consequência disso, parece que sua flor, desde aqueles primeiros tempos, tenha permanecido aqui.”
(CASTIGLIONE, 2012, p. 133)

A palavra italiana arcaica *insino* hoje é *fin(o)* da ou *sin da*, isso é, “desde” em português, com valor temporal. A palavra *rimaso* corresponde a *rimasto*, ou seja, “permanecido” em português.

❖ Exemplo 3 (arcaísmo e neologismo semântico):

“Ma quello che senza lacrime raccontar non si devrìa, è che la signora Duchessa essa è ancor morta...”
(CASTIGLIONE, 1945, p. 17)

“Mas o que não se deveria contar sem lágrimas é que a senhora Duquesa também está morta”.
(CASTIGLIONE, 2012, “carta” p. 107)

A palavra italiana *ancor(a)* hoje é comumente traduzida em português por “ainda”, com valor temporal. Já no uso antigo e literário podia ter o significado de “também.” Em *O cortesão* aparece muitas vezes e quase todas elas com esse último significado, assim como proposto em nossa tradução.

Uma tradução que não atentasse para a mudança semântica do termo *ancor(a)* e lhe conferisse o significado de hoje, implicaria em uma mudança discursiva, pois a tradução seria: “Mas o que não se deveria contar sem lágrimas é que a senhora Duquesa ainda está morta” no lugar de [...] também está morta”. Haveria um problema que fere o conhecimento de mundo, pois o falecimento não costuma ser algo reversível.

❖ Exemplo 4 (ordem das palavras - sintaxe):

Segue um exemplo de baixa legibilidade em função da ordem das palavras na oração:

“Oltre a questo usansi in Toscana molti vocabuli chiaramente corrotti dal latino, li quali nella Lombardia [...] son rimasti integri.”

(CASTIGLIONE, 1945, p. 20)

“Ainda mais, na Toscana são usados muitos vocábulos, provenientes do latim, claramente corrompidos, os quais na Lombardia [...] permaneceram íntegros e sem mudança.”

(CASTIGLIONE, 2012, p. 111)

Com base na estrutura da língua italiana contemporânea, o trecho “*vocabuli chiaramente corrotti dal latino [...]*” significa: “vocábulos claramente corrompidos pelo latim”, sendo “pelo latim” agente da forma passiva. No entanto, o texto em italiano quer expressar a ideia de “vocábulos provenientes do latim [...] claramente corrompidos.” A questão semântica resulta de um problema de ordem sintática que, por sua vez, é originado pela ordem dos elementos na frase.

Após ter apresentado alguns exemplos, podemos refletir sobre o fato de que, de acordo como o estilo da língua italiana, o texto de Castiglione é construído com frases longas e uma estrutura sintática complexa, fatores que geram, não poucas vezes, dificuldades de compreensão. Ao traduzir, tentamos eliminar a pouca clareza do texto de partida, reduzindo o tamanho das frases e pontuando com maior frequência de acordo com o estilo da língua portuguesa e seguindo indicações de estudiosos da legibilidade textual quais RICHAUDEAU (1984; 969); LIBERATO e FULGENCIO (2007).

Muitas outras podem ser as dificuldades tradutórias advindas de um texto antigo, como, por exemplo, pesos e medidas, topônimos, objetos hoje inexistentes, como tipo de tecidos, por exemplo. É claro e já sabido, todavia, que o aspecto linguístico mais

sensível ao fator da temporalidade é o léxico, pela sua ductilidade e contínua evolução e mudança.

Espero, com essas poucas palavras, ter podido lembrar a relevância do fator temporalidade para a tradução de textos arcaicos e, sobretudo, dos textos clássicos. Essas grandes obras, os clássicos, costumam gerar no leitor um alto nível de expectativa. Elas são, pois, aquelas obras que nunca param de dizer tudo o que tem a dizer. E, parafraseando mais uma vez Italo Calvino, concluo com suas palavras, quando ele afirma que “Tradurre è il vero modo di leggere un testo” ou seja: Traduzir é a verdadeira forma de ler um texto.” (CALVINO, 1982, p. XX).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABBAGNANO, N. Dicionário de filosofia. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000. Original italiano.
- ALIGHIERI, D. Vita Nova. A cura di G. Gorni. Torino: Einaudi, 1996.
- ALVES, I.M. Neologismo: Criação lexical. São Paulo: Ática, 1990.
- BECCARIA, C. Dei delitti e delle pene. Milano: BUR, 2001.
- BURKE, P. As fortunas d’O Cortesão. São Paulo: UNESP, 1997.
- CALVINO, I. “Tradurre è il vero modo di leggere un testo” (1982). In: _____. Mondo scritto e mondo non scritto. Milano: Mondadori, 2002, p. 84 – 91.
- CASTIGLIONE, B. Il Cortegiano. A cura di Mario Luzi. Garzanti: Cernusco sul Naviglio, 1945. Lettera dedicatoria al Signor Don Michele de Silva Vescovo de Viseo, p. 15 a 23. _____. _____. A cura di Mario Luzi. Garzanti: Cernusco sul Naviglio, 1945. cap. XXXII.
- J.G. DE ARAUJO, J. Os mais belos sonetos que o amor inspirou: poesia universal, europeia e americana. 1. ed. [S l.:s.n.], v. III, 1966.
- LIBERATO, Y.; FULGÊNCIO, L. É possível facilitar a leitura: um guia para escrever claro. São Paulo: Contexto, 2007.
- REBOUL, O. Introdução à Retórica. São Paulo: Martins Fontes, 2000. Original francês.
- RICHAUDEAU, F. *Recherches actuelles sur la lisibilité*. Paris: Retz, 1984. _____. La lisibilité. Paris: Denoel, 1969.
- PIANIGIANO, O. DIZIONARIO ETIMOLOGICO ONLINE. *Vocabolario Etimologico della Lingua Italiana*. [S.l.]. Disponível em: <<http://www.etimo.it>> Acesso em: 15 de novembro de 2012.